

Pesquisadoras do futebol: discussões a partir de duas trajetórias¹

Luiza Aguiar dos Anjos*

Marina de Mattos Dantas**

Resumo: O artigo se propõe a apresentar elaborações iniciais sobre a presença das mulheres no universo das pesquisas sobre futebol, principalmente em relação àquelas que não pesquisam temáticas relacionadas às discussões sobre gênero como elemento central em seus trabalhos, destacando nesse processo a relação entre mulheres e o meio acadêmico. Para tal, discutimos a presença das mulheres na universidade e nos estudos sobre futebol, e realizamos entrevistas com duas mulheres pesquisadoras, buscando compreender algumas relações entre as mulheres, o futebol e a pesquisa. Embora os estudos sobre gênero venham crescendo nos últimos anos, levantamos alguns indícios de que a maioria das mulheres que estudam futebol no Brasil estão envolvidas com estudos que, não necessariamente, envolvem essa discussão e também discutem questões relacionadas ao futebol jogado por homens sem que o tema das masculinidades e feminilidades se torne central. Nas trajetórias de nossas entrevistadas, encontramos aproximações com a temática de gênero, além de processos de estranhamento e desconfiança por serem mulheres.

Abstract: The article intends to submit initial elaborations about the presence of women in the universe of the research on football, especially compared to those who do not research themes related to the discussions about gender as a central element in their work, highlighting in this process, the relationship between women and the academic world. To this end, we discussed the presence of women in university and in studies on football, and we performed interviews with two women researchers, seeking to understand some relations between women, football and the research. Although the studies about gender are growing in recent years, there is some evidence that the majority of women studying football in Brazil are involved with studies that do not necessarily involve this discussion and also discuss issues related to football played by men without the theme of masculinities and femininities becoming central. Nonetheless, in the trajectories of the women we interviewed, we found approximations with the theme of gender, and also processes of estrangement and distrust because they are women.

No universo do futebol, observa-se que as mulheres têm, cada vez mais, conquistado espaços diversos – como os de jogadoras, árbitras, jornalistas, e em outras funções. Tais conquistas, expressam um avanço ainda tímido nas esferas de controle, organização e decisão

* Formada em Educação Física (UFMG), mestre em Estudos do Lazer (UFMG), doutoranda em Ciências do Movimento Humano na UFRGS, pesquisadora no Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e no Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT).

** Formada em Psicologia (PUC-MG), mestre em Psicologia Social (UERJ), doutoranda em Ciências Sociais na PUC-SP, e pesquisadora no Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT).

sobre a modalidade esportiva, como é o da gestão de clubes e federações, por exemplo. Concomitantemente à essa ampliação da presença feminina, vê-se também aumentarem quantitativa e qualitativamente as discussões acerca dessa presença, questionando a participação pequena – ainda que crescente – das mulheres no futebol, os obstáculos impostos à sua inserção e manutenção na modalidade, as representações objetificantes às quais são frequentemente submetidas, entre outras questões.

Diante desse cenário, voltamos nossa atenção para a relação das mulheres com o futebol também “fora das quatro linhas” e da arquibancada, pensando sobre sua relação com esse esporte no âmbito da pesquisa. Tendo em vista um aparente protagonismo das mulheres nas discussões acerca do futebol feminino e do que tange às relações de gênero, optamos por investigar as mulheres que desenvolvem pesquisas sobre outros temas relativos ao futebol que não aqueles envolvendo as próprias mulheres.

Assim, o objetivo desse texto é levantar alguns indícios sobre a presença das mulheres no meio acadêmico e nos estudos sobre futebol, bem como analisar a trajetória de pesquisadoras do futebol na área das ciências humanas e sociais, focando nas experiências que emergem a partir do ofício de fazer pesquisa no Brasil acerca desse esporte tradicionalmente associado aos homens, sendo mulher.

Com esse intuito, além de levantamentos da presença das mulheres em universidades, liderando grupos de pesquisa e também em universidades públicas, realizamos duas entrevistas com pesquisadoras que estudam temáticas relacionadas ao futebol. As entrevistas foram realizadas no mês de junho do ano de 2016, via Skype, e duraram cerca de uma hora cada.

A escolha das entrevistadas teve como critério que suas pesquisas estivessem voltadas para o universo futebolístico em suas várias temáticas possíveis, mas que o tema central não fosse sobre mulheres e/ou as questões de gênero.

Leda Maria da Costa cursou graduação e Mestrado em Letras, e Doutorado em Literatura Comparada, todos¹ na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Além disso, é integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Esporte (NEPESS/ UFF) e do Grupo de Pesquisas Esporte e Cultura (FCS/ UERJ).

Sarah Teixeira Soutto Mayor é formada em Educação Física pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e nessa mesma instituição atualmente é doutoranda em Estudos do Lazer. A pesquisadora também integra o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), também na UFMG.

Escolhemos pesquisadoras com uma formação acadêmica recente – uma com doutorado em andamento e outra com ele concluído há menos de dez anos –, não visando, colocá-las como representantes de uma classe, nem hierarquizar e/ou qualificar mulheres mais ou menos importantes no meio dos estudos sobre futebol. Não se pretende também a retratação de experiências pioneiras, e, tampouco temos o intuito de comparar as trajetórias das duas entrevistadas, mas sim conhecer elas mulheres se aproximaram, lidam e convivem com o tema futebol.

Algumas perguntas iniciais nortearam as entrevistas, as quais buscavam abordar a relação das mulheres pesquisadoras com o futebol e o ambiente acadêmico, evitando direcionar de antemão as respostas para discussões sobre gênero. Queríamos com isso saber: como elas se envolveram com o futebol e com o mundo acadêmico; quais os temas de pesquisa sobre futebol que desenvolvem; se são convidadas a falar sobre futebol em contextos acadêmicos e/ou midiáticos e sobre quais temas; se a temática de gênero aparece no cotidiano delas como pesquisadoras; quais as dificuldades encontradas por elas em serem pesquisadoras do futebol –

por questões relacionadas ou não ao gênero; e como avaliam a participação de mulheres nos estudos sobre futebol.

Nesse sentido, recorreremos à história oral, mais como postura ética de pesquisa do que como técnica no tratamento das entrevistas, uma vez que o que nos interessava ao conversar com as entrevistadas era acessar algo da subjetividade das mesmas sobre a temática do ser pesquisadora. Dessa forma, não coletamos dados, dialogamos com outras experiências.

Essa postura de pesquisa permeou os procedimentos com as entrevistadas e também o processo de construção do artigo, durante o qual somos pesquisadoras de futebol falando sobre pesquisadoras de futebol. E, se reconhecemos que a neutralidade dos autores é algo impossível, mesmo em outros casos, nessa pesquisa, reconhecemos que somos, inequivocamente, parte da fonte que pesquisamos, assim como reconhecemos as pesquisadoras entrevistadas, de certo modo, também como interlocutoras no processo de construção desse texto².

Considerações sobre a presença de mulheres na Academia

Historicamente, o campo da ciência foi entendido e construído como uma atividade realizada por homens. Segundo Leta (2003), foi apenas a partir da segunda metade do século XX que se percebem mudanças mais agudas no que tange ao acesso de mulheres à educação científica e a carreiras nesse campo. Ainda que seja possível identificar mulheres cientistas em períodos anteriores, comumente, a elas era imposto que assumissem funções de suporte ou interlocução de pesquisadores homens, e/ou eram vistas à margem destes.

O processo de conquista das mulheres no ambiente acadêmico-científico foi paulatino e relaciona-se com a luta feminista mais ampla. Reivindicações relacionadas a uma extensa gama de questões como usos do corpo, sexualidade, família e trabalho emergiram a partir da década de 1960 nos Estados Unidos e em várias partes do mundo, no que se costuma definir como a Segunda Onda do Feminismo. Segundo Costa (2005), o movimento emerge na América Latina

em 1970, em meio à vivência de governos ditatoriais em muitos países, estando ligado também aos movimentos de oposição aos Regimes. Entre outros desdobramentos, implicou em uma maior incorporação das mulheres no mercado de trabalho e na ampliação do sistema educacional.

Também na década de 1970 e, principalmente, na de 1980 pesquisas sobre gênero e ciência passam a ganhar destaque, colocando em pauta a invisibilidade e a sub-representação das mulheres na produção do conhecimento (LETA, 2003). Tais trabalhos deram visibilidade a essa questão, além de questioná-la e trazerem discussões com vias a desconstrução do pressuposto de que as mulheres não estavam na ciência por desinteresse ou incapacidade vinculados à uma natureza feminina.

As mudanças de lá para cá são evidentes. Dados de 2013 do Inep, mostram que nos anos de 2010 a 2013 as mulheres representaram mais de 50% dos ingressantes e dos concluintes de cursos de graduação no Brasil (CENSO, 2015). A tabela abaixo expõe as variações desse percentual conforme a área de conhecimento a que o curso se insere:

TABELA 1 - Número Total e Percentual de Ingressos e Concluintes de Graduação, por Sexo, segundo a Área Geral do Conhecimento – Brasil – 2013

| Área Geral do Conhecimento | Ingressos ³ | | | Concluintes ⁴ | | |
|--------------------------------------|------------------------|------|------|--------------------------|------|------|
| | Total | % M | % H | Total | % M | % H |
| Total Geral | 2.742.950 | 56,1 | 43,9 | 991.010 | 60,6 | 39,4 |
| Agricultura e Veterinária | 56.957 | 47,8 | 52,2 | 19.111 | 43,9 | 56,1 |
| Ciências Sociais, Negócios e Direito | 1.133.115 | 56,9 | 43,1 | 439.250 | 58,3 | 41,7 |
| Ciências, Matemática e Computação | 177.229 | 29,8 | 70,2 | 55.176 | 32,5 | 67,5 |
| Educação | 468.747 | 71,2 | 28,8 | 201.011 | 76,3 | 23,7 |
| Engenharia, Produção e Construção | 402.978 | 31,9 | 68,1 | 80.850 | 30,2 | 69,8 |
| Humanidades e Artes | 65.359 | 55,3 | 44,7 | 27.172 | 57,5 | 42,5 |
| Saúde e Bem-Estar Social | 341.340 | 75,7 | 24,3 | 139.880 | 76,8 | 23,2 |

| | | | | | | |
|----------------------------|--------|------|------|--------|------|------|
| Serviços | 83.550 | 59,8 | 40,2 | 28.560 | 60,7 | 39,3 |
| Não aplicável ¹ | 13.675 | 49,9 | 50,9 | | | |

Fonte: Censo da Educação Superior. Inep/Deed.

¹ Não aplicável: Corresponde à Área Básica de Ingresso – ABI

Nota: M = Mulheres; H= Homens

Verifica-se nessa tabela que áreas entendidas como tradicionalmente masculinas – caso principalmente da “Engenharia, Produção e Construção” – ainda são majoritariamente ocupadas por homens. Já no caso das mulheres, o estereótipo de sua adequação a atividades relacionadas ao cuidado, ainda faz com que elas sejam majoritárias em áreas vinculadas à educação, saúde e assistência social, o que se evidencia sobretudo nos altos valores percentuais de mulheres na área de “Saúde e Bem-Estar Social”.

No âmbito da pós-graduação, por sua vez, observando a quantidade de mestres e doutores no país, a continuidade em uma carreira acadêmica é diferente entre homens e mulheres. Segundo dados de 2010⁵, as mulheres representam 52% dos mestres ou doutores do país. Contudo, ao comparar o percentual de mestres e doutores, elas mantêm-se como maioria apenas entre o nível mais baixo, o de mestres. Elas são 54% dos mestres e 48% dos doutores.

O cenário referente aos professores universitários, aqueles que hoje produzem a maior parte das pesquisas no Brasil, opõem-se ao que se observa entre seus alunos de graduação. Se o alunato total é majoritariamente feminino, no caso do corpo docente há um predomínio masculino: os homens representam 55% do total de funções docentes⁶ em exercício no Brasil (CENSO, 2015).

Velho e León (1998), em pesquisa na qual analisam quatro institutos da Unicamp⁷, notaram também que, no cenário estudado, menos mulheres atingem estratos mais elevados da carreira e, em média, levam mais tempo para ascender a cada nível. Tendo em vista que a progressão de tais profissionais ocorre a partir de tempo de serviço e produtividade, foi possível identificar, como justificativa para o fato, uma produção científica inferior por parte das mulheres.

Algumas das pesquisadoras da Universidade foram entrevistadas pela autora, o que permitiu contextualizar tal informação: as demandas domésticas e familiares tradicionalmente impostas às mulheres fazem com que muitas mulheres não possam se dedicar da mesma forma que os homens. Assim, além dessas demandas, fatores como a educação diferenciada para meninos e meninas e mecanismos de discriminação e preconceito não podem ser desconsiderados ao discutir tais questões.

Melo e Oliveira (2006) analisaram um outro cenário relevante à nossa discussão – o dos integrantes de grupos de pesquisa. Ao observarem os grupos registrados no CNPQ, novamente encontraram um maior percentual de homens, além de verificarem que o predomínio de homens e mulheres em certas áreas de conhecimento também no ambiente acadêmico tende a corresponder à expectativa referente a atividades ditas masculinas ou femininas, conforme é possível verificar na tabela abaixo.

TABELA 2 - Brasil, número de pesquisadores e sexo, segundo área do conhecimento do grupo de pesquisa (%)

| Área do Conhecimento | 2002 | | | 2005/04-2006* | | |
|-----------------------------|-------|-------|-------|---------------|-------|-------|
| | Total | % M | % H | Total | % M | % H |
| Ciências Agrárias | 100 | 32,49 | 67,51 | 100 | 34,48 | 65,34 |
| Ciências Biológicas | 100 | 52,44 | 47,55 | 100 | 52,59 | 47,18 |
| Ciências da Saúde | 100 | 58,13 | 41,86 | 100 | 58,32 | 40,95 |
| Ciências Exatas e da Terra | 100 | 30,77 | 69,20 | 100 | 31,64 | 68,06 |
| Ciências Humanas | 100 | 60,20 | 39,77 | 100 | 59,81 | 39,55 |
| Ciências Sociais Aplicadas | 100 | 47,36 | 52,61 | 100 | 45,88 | 53,34 |
| Engenharias | 100 | 24,49 | 75,51 | 100 | 25,41 | 74,30 |
| Linguística, Letras e Artes | 100 | 68,27 | 31,73 | 100 | 66,26 | 33,04 |
| Total | 100 | 45,57 | 54,41 | 100 | 46,3 | 53,22 |

Fonte: Diretório dos Grupos de Pesquisa, CNPq, 2006 (<http://dgp.cnpq.br/planotabular/>).

Nota: O total inclui pesquisadores cujo sexo não foi identificado.

*os dados de 2006 se referem à base atualizada em 01/04/2006.

Além da escolha de determinados cursos, mulheres e homens parecem estimulados a seguir trajetórias de pesquisa diferentes dentro deles. Os essencialismos acerca de habilidades e competências de um ou outro sexo parecem influenciar, também as subáreas de um curso às quais os pesquisadores vão se dedicar. Também na pesquisa de Velho e León (1998) há alguns exemplos disso. Pesquisadoras da química, por exemplo, justificam o maior número de mulheres na química orgânica em relação à inorgânica por envolver menos química e matemática, disciplinas cujo gosto e habilidade é associado aos homens.

Outras colaboradoras do trabalho afirmaram, ainda, que tópicos de pesquisa entendidos como menos importantes costumam ser “empurrados às mulheres”⁸ (VELHO; LEÓN, 1998, p.327). Ilustrando esse fenômeno, podemos citar o exemplo da psiquiatra Nise da Silveira, que foi “empurrada” para o setor de terapia ocupacional do hospital psiquiátrico no qual trabalhava nos anos 1940, para o qual os outros médicos – homens – da instituição não davam importância.

Nessa circulação de homens e mulheres pelo meio acadêmico, cabe pontuar que cada área é marcada por suas especificidades. Os estudos do futebol, tomados pelo viés das Ciências Humanas e Sociais, vêm sendo empreendidos em diversas disciplinas, como Educação Física, História, Antropologia, Letras, entre outros. Assim, há diferenças entre as barreiras encontradas para as pesquisadoras de cada campo.

O próprio reconhecimento e credibilidade dos estudos do futebol é diferente em cada uma dessas áreas. Via de regra, o futebol não é visto como fenômeno social de maior importância no âmbito da pesquisa. Por tratar-se de uma manifestação relacionada ao entretenimento e a diversão, é considerado, frequentemente, como um assunto não-sério e menos importante que grandes acontecimentos e manifestações relacionados à Economia, à Política, à Saúde. A desconfiança é, ainda, agravada por se tratar de um esporte de massas em boa parte do mundo. No âmbito da Educação Física, por sua vez, onde o esporte é comumente valorizado, é a perspectiva das Ciências Humanas que provoca certo descrédito, linha por vezes

vista como menos relevante ou menos científica que as discussões no âmbito das Ciências Biodinâmicas.

A fim de verificar a participação das mulheres em pesquisas especificamente sobre futebol, fizemos um levantamento de mulheres que são líderes ou vice-líderes de grupos que tratam do assunto, seja de forma central ou dentre outras temáticas⁹.

De um total de 61 grupos levantados, identificamos que 13 possuem uma mulher em ao menos um dos postos de líder, das quais verificamos que 10 efetivamente se envolveram em algum momento de suas carreiras ou estão envolvidas atualmente com pesquisas sobre futebol. Abaixo expomos tais grupos:

TABELA 3 – Grupos de pesquisa que envolvem o tema futebol e que possuem líderes mulheres

| INSTITUIÇÃO | GRUPO | LÍDER | 2º LÍDER | ÁREA PREDOMINANTE |
|---|--|---|-------------------------------|------------------------------------|
| Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) | Silvana Goellner | - | Ciências da Saúde; Educação Física |
| Universidade Federal Fluminense (UFF) | Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS) | Luiz Fernando Rojo Mattos | Leda Maria da Costa | Ciências Humanas; Antropologia |
| Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | Sustentabilidade Ambiental Urbana | Luiz Pinguelli Rosa | Sylvia Meimaridou Rola | Ciências Sociais Aplicadas |
| Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) | Observatório de Gênero, Democracia e Direitos Humanos | Soraya Maria Bernardino Barreto Januário | - | Ciências Sociais Aplicadas |
| Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | Núcleo de antropologia visual e estudos da imagem/ Grupo de Antropologia (NAVI) | Alex Giuliano Vailati | Carmen Silvia Rial | Ciências Humanas |
| Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) | Grupo de Estudos e Pesquisas de Futebol (GEF) | Heloisa Helena Baldy dos Reis | Osmar Moreira de Souza Júnior | Ciências Humanas |

| | | | | |
|--|--|--|--|-------------------|
| Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) | Grupo de Estudos e Pesquisa do Futsal e Futebol | Camila Buonani da Silva | - | Ciências da Saúde |
| Universidade Federal do Paraná (UFPR) | Grupo de Estudos sobre Dinâmicas Metropolitanas (GEDiMe) ¹⁰ | Madianita Nunes da Silva | Olga Lúcia Castreghini de Freitas Firkowski | Ciências Humanas |
| Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) | Análise dos cenários esportivos na mídia | Antonio Guilherme Schmitz Filho | Bruna Bellinaso | Ciências da Saúde |
| Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) | Controle e automação industrial | Karla Boaventura Pimenta Palmieri | - | Engenharias |

Fonte: elaborada pelas autoras.

Das pesquisadoras listadas apenas duas não trabalham na perspectiva das Ciências Humanas e Sociais, sendo elas Camila Buonani da Silva, cuja produção referente a futebol concentra-se na análise da composição corporal de jogadores, e Karla Boaventura Pimenta Palmieri, que trabalha com o desenvolvimento de robôs jogadores de futebol.

Destacamos, ainda, que, dessas dez pesquisadoras, duas, Silvana Goellner e Soraya Maria Bernardino Barreto Januário, focam na participação das mulheres e nas relações de gênero em suas pesquisas.

Ainda que esse conjunto de acadêmicas represente apenas uma pequena parte de todas aquelas que vêm pesquisando sobre futebol no país, é um quadro que fortalece os indícios de que há pesquisadoras envolvidas nessa temática, inclusive em posições de protagonismo, e que elas não vêm se restringindo a pesquisar mulheres. Essa informação vem ao encontro da proporcionalidade de mulheres pesquisadoras do futebol não envolvidas – ou, ao menos, não envolvidas somente – com os estudos de gênero que encontramos em um levantamento prévio que nos motivou a pesquisar mais sobre o assunto (DANTAS e ANJOS, 2016) no qual das 40 pesquisadoras que escreveram para a sessão Arquibancada¹¹ do *site* Ludopédio¹², 29 delas falam em seus textos de assuntos ligados ao futebol praticado por homens e sem discutir gênero.

Apenas 10 escreveram sobre futebol jogado por mulheres ou sobre árbitras e torcedoras. E dentre essas 10, a metade também estuda e publica sobre assuntos diversos ligados ao futebol vivenciado por homens.

Nos detendo ao universo dos estudos sobre futebol no âmbito das ciências humanas e sociais, segundo Toledo (2001), o envolvimento das Ciências Sociais na análise das relações entre esporte e sociedade teve como uma de suas procedências “o *boom* de pesquisas sobre o meio urbano desde meados dos anos 1970 e início da década de 1980” (TOLEDO, 2001, p.134). Nesse contexto, o nome de Simoni Lahud Guedes é diversas vezes evocado no reconhecimento de uma vanguarda nos estudos sobre o futebol nesse meio.

Ao lado de Carmen Rial (Brasil), Beatriz Vélez (Colômbia), Maria Graciela Rodríguez (Argentina) e Verônica Moreira (Argentina), a antropóloga Simoni Guedes se destaca pelo pioneirismo e pela continuidade dos estudos sobre o futebol na área da Antropologia na América Latina (ALABARCES, 2014). A pesquisadora iniciou seus estudos no início dos anos 1970, defendendo sua tese de mestrado intitulada *O Futebol Brasileiro: Instituição Zero*, em 1977, no Museu Nacional (UFRJ), no qual desenvolveu uma etnografia com trabalhadores sobre o futebol em Bangu (RJ), buscando trabalhar as relações entre copa do mundo e identidade nacional.

Além de Simoni Guedes, identificamos outras três pesquisadoras, também professoras de universidades públicas desde antes dos anos 2000, que se dedicam aos estudos sobre futebol: Carmen Rial (UFSC), também antropóloga, e as professoras de educação física Heloísa Helena Baldy dos Reis (Unicamp) e Silvana Goellner (UFRGS).

Sem pretender estabelecer uma relação hierárquica entre as pesquisadoras, notamos essas mulheres como importantes influências no meio acadêmico dos estudos sobre o futebol, sendo que trabalham em universidades federais ou estaduais, o que viabiliza a realização de

pesquisas acadêmicas, orientação de estudantes de graduação e pós-graduação, tendo condições para produzir textos acadêmicos e realizar outros trabalhos acerca do tema.

Interessante notar que 2 dessas 4 mulheres – Carmen Rial e Silvana Goellner – se dedicam centralmente aos estudos sobre gênero. Já entre as pesquisadoras identificadas como pioneiras por Alabarces (2015), em duas das cinco, Carmen Rial e Maria Graciela Rodrigues, as discussões sobre gênero aparecem com maior destaque e frequência¹³.

Nossa hipótese ao iniciar essa investigação era a de que havia poucas mulheres falando sobre futebol jogado por homens ou sobre torcedores, sem discutir gênero. Mas com esses mapeamentos das mulheres descobrimos que a maioria numérica das mulheres pesquisadoras que publicam na sessão Arquibancada do Ludopédio e dentre as líderes de grupos de pesquisa que estudam, se envolve mais com pesquisas não relacionadas aos estudos de gênero do que sobre as experiências das próprias mulheres com o futebol. Dentre as professoras com mais de 20 anos lecionando em universidades públicas, vemos que essa proporcionalidade diminui.

Embora as mulheres que estudam gênero tenham mais visibilidade no Brasil, a maioria das mulheres que estudam futebol no país estão envolvidas com trabalhos que, não necessariamente, envolvem a discussão sobre gênero.

Tendo isso em vista, realizamos entrevistas com duas pesquisadoras envolvidas com os estudos sobre futebol que não têm em suas trajetórias o trabalho com gênero ou com mulheres como tema central de suas pesquisas, buscando explorações iniciais sobre ser pesquisadora de futebol no Brasil.

As pesquisadoras entrevistadas

Sarah é mineira e estuda futebol há três anos, mesmo período em que vem realizando doutorado em Estudos do Lazer. Seus trabalhos se desenvolvem principalmente na área da história do futebol. O trabalho de sua tese tem como temas o amadorismo e profissionalismo

em Minas Gerais – principalmente o período que sucede o momento da transição do futebol amador para o profissional, após 1933 – e as tensões que envolvem o ajuste dos clubes a esse processo. Além disso, Sarah já produziu artigos sobre estádios, rivalidade entre torcidas e os primórdios do futebol em Belo Horizonte.

A outra pesquisadora entrevistada, a carioca Leda Costa, vem pesquisando futebol há 12 anos, tendo iniciado esse enfoque também a partir de seu doutoramento. Sua pesquisa de tese tratou da seleção brasileira e seus vilões, aqueles jogadores aos quais a culpa da derrota em Copas do Mundo foi atribuída. A pesquisadora resume seus interesses de pesquisa de forma objetiva em futebol e torcida, imprensa e gênero e futebol.

As questões de gênero se centram na participação da mulher, sobretudo como torcedora, no universo do futebol. Leda vincula tal interesse a sua trajetória pessoal. Ela é torcedora do Vasco, identidade essa não apenas evidenciada, mas enfatizada ao longo de toda a entrevista.

O interesse da imprensa, por sua vez, perpassa seu entendimento de que o futebol espetáculo que experimentamos cotidianamente é mediado pelas representações construídas pelos meios de comunicação, muitas das quais apoiadas na literatura para a construção de narrativas acerca de jogadores, treinadores e torcedores.

Embora Leda tenha interesse nas relações entre gênero e futebol, seus trabalhos se concentram na relação entre imprensa e esse mesmo esporte – sendo, inclusive esse, o mote pelo qual discute a própria participação das mulheres¹⁴ Leda pretende pesquisar em um futuro pós-doutorado as torcidas dos chamados clubes pequenos. A partir de um investimento pessoal em visitar estádios desses clubes, posicionados fora do “circuito mainstream”¹⁵ ela tem voltado sua atenção ao que chama de torcidas contraculturas do futebol, “torcidas que pregam o ‘não ao futebol moderno’ e que, se apropriam, desses espaços desses clubes pequenos, para experimentar um futebol fora do circuito midiático”.

O encontro com o campo: aproximações e distanciamentos com os estudos sobre futebol e gênero

É muito comum que pesquisadores se envolvam com os estudos sobre futebol por gostarem muito seja de jogar, seja de torcer. Tendo isso em vista, perguntamos às entrevistadas sobre como se aproximaram do futebol como objeto de pesquisa.

Sobre essa questão, Sarah respondeu que:

Sempre foi uma paixão na minha vida, o futebol. Desde criança eu sempre pratiquei, enfrentei uma série de preconceitos, uma série de coisas relacionadas a isso, mas é claro que nesse momento eu não imaginava que isso iria se tornar um objeto de pesquisa. E isso, na verdade, começou com esse interesse de estudar sobre cultura, culturas populares, manifestações culturais. No mestrado eu não tive a oportunidade de fazer a disciplina sobre futebol. Não tive condição pelos meus horários e aí depois eu fiz uma matéria isolada sobre futebol e cultura, [...] e aí que me veio essa coisa: “poxa, porque eu não transformo essa paixão que eu tenho, essa vontade que eu tenho mesmo, de entender o futebol, esse envolvimento que eu tenho desde criança, em problema de pesquisa?”

Reagindo à mesma pergunta, Leda também faz menção à paixão pelo futebol como motor do interesse pela pesquisa: “Antes de ser pesquisadora eu sou torcedora. E o meu interesse pelo futebol surgiu pela minha paixão pelo Vasco”.

No caso de Sarah, tanto a experiência com o jogar como o torcer delimitam essa relação anterior à pesquisa com futebol. Leda, por sua vez, tem essa relação marcada basicamente pelo torcer.

A primeira experiência de aproximação com o futebol de Leda ocorreu no momento de escrita de seu trabalho de conclusão de curso. O trabalho envolveu a produção de um glossário dos principais termos usados no futebol, mostrando como esse linguajar penetrou a língua portuguesa para além do contexto esportivo. A satisfação da professora com o trabalho lhe surpreendeu. “Eu pensei ‘Nossa! Então é possível trabalhar com futebol na Academia! Uau!’” Apesar da aprovação da professora, Leda relata que, de forma geral, os fenômenos de massa são pouco explorados e pouco valorizados na Letras, onde o Letramento e a Literatura são privilegiados.

No mestrado ela acabou voltando-se para outra temática, mas no doutorado a discussão do futebol tornou-se uma condição para sua continuidade na pós-graduação: “eu conversei com meu então orientador que só seguiria no doutorado se ele aceitasse orientar uma tese que tivesse futebol como tema. E ele aceitou.”

A resistência da área parece reafirmada quando a pesquisadora explica que certos elementos facilitaram o aceite do orientador – sua formação híbrida e o fato de ser ex-jogador –, indicando que outros talvez não fariam o mesmo.

O início do doutorado coincide com a entrada no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS). A partir desse grupo, o qual hoje ela lidera ao lado do prof. Luiz Fernando Rojo, ela passou a frequentar fóruns de pesquisa sobre o futebol, passando a conhecer outros pesquisadores do tema. A importância do NEPESS é enfatizada por ela, sendo este descrito como um espaço extremamente importante da construção da “Leda como pesquisadora de futebol”.

No caso de Sarah, também o grupo do qual faz parte, o GEFuT representou um importante espaço de diálogo e formação, sendo que alguns colegas, inclusive, se tornaram parceiros de produção de textos acadêmicos.

Sendo a pesquisa sociocultural sobre futebol um tema pouco abordado e, sobretudo, valorizado tanto na Letras, quanto na Educação Física, é possível imaginar que a presença desses interlocutores tenha sido importante para motivar a continuidade dessas pesquisadoras nesse objeto de pesquisa, o que parece se confirmar pela fala de ambas.

Embora o intuito das autoras desse texto tenha sido realizar entrevistas com mulheres que não tivessem os estudos de gênero como tema principal de pesquisa, acabamos nos deparando com o fato de que esses estudos, de maneiras e temporalidades diferentes, passaram em algum momento pela vida acadêmica das entrevistadas.

Leda cita logo de início essa relação, pois se deu dentro dos estudos sobre o futebol. A possibilidade de voltar-se para os estudos das mulheres no futebol interpelou-a logo que decidiu estudar esse esporte no doutorado. Seu primeiro projeto tinha como o tema o futebol feminino.

Assim ela explica a escolha inicial:

Essa ideia do futebol feminino, ela foi uma ideia que partiu mais até do meu orientador do que propriamente de mim. Ele achava que o tema estava pouco explorado e que eu deveria tentar isso no doutorado, falar sobre esse tema. Também porque eu era mulher e eu poderia contribuir, de algum modo, com a minha experiência nesse âmbito.

Não deixando de reconhecer a possibilidade e relevância do futebol feminino como tema, cabe pontuar que Leda, apesar de mulher, não era praticante de futebol. Assim, sua afinidade com questões acerca do futebol masculino, do qual ela era assídua assistente e torcedora, a princípio, parecem mais evidentes. Nos parece que há certa expectativa de que as mulheres busquem estudar as especificidades das experiências das próprias mulheres e não questões referentes aos homens ou, ainda, fenômenos do futebol que não envolvem relações de gênero.

Nesse processo, os objetos que se referem a vivências pautadas pelo gênero – feminino ou masculino – parecem entendidos como algo concernente às mulheres, para ser discutido entre as mulheres. E os outros assuntos, ligado ao futebol jogado – e administrado – por homens fossem “sem gênero”, mas explorado, por fim, pelos homens. Com Sarah a aproximação com os estudos sobre gênero se deram antes de seu encontro acadêmico com o futebol, como relata:

Eu comecei estudando gênero. Porque eu fui estudar na minha monografia os papéis atribuídos a meninos e meninas na educação física escolar. Era a minha paixão estudar gênero. Daí quando eu fui fazer minha especialização, eu fui estudar gênero no carnaval, porque era outra coisa que me chamava muito a atenção. O gênero na festa. Como homens e mulheres eram representados, como eram vendidos pela publicidade. Mas na especialização eu não foquei tanto no estudo de gênero, foquei mais no corpo jovem na festa. É óbvio que apareceram uma série de questões sobre gênero. E aí, tendo contato com o carnaval, eu tive vontade de estudar a história do carnaval. E aí uma coisa foi puxando a outra. E eu fui cansando dessa coisa de corpo e de gênero e aí fui estudar a história do carnaval de Ouro Preto, a transformação da festa que, de alguma forma, envolve a transformação dos corpos também.

Notamos que, apesar de não terem os estudos de gênero como algo central em suas trajetórias, em algum momento essas questões se tornaram objeto de estudo para essas

mulheres. Talvez, porque, assim como a paixão pelo futebol as tornou sensíveis a questões que atravessam esse campo, o ser mulher no mundo também as tornaram sensíveis às questões de gênero. Uma fala de Leda ilustra essa aproximação que ocorre a partir de suas experiências de vida:

[...] Eu tenho muito interesse [pela discussão de gênero no futebol] porque, por experiência própria, não é fácil ser mulher e gostar de futebol, e se interessar por futebol. Recai sobre você um certo descrédito, recai sobre você uma certa desconfiança de que você não entende, de que você está ali porque está observando um jogador bonito, porque você é uma maria-chuteira...

Indo ao encontro do que Deleuze-Guattari (1995) denominaram de ciência nômade – que não se pretende totalizadora e reconhece a inexistência de neutralidade absoluta no processo científico – mulheres acabam percebendo objetos (ou sujeitos) científicos mais facilmente pela aproximação cotidiana com as questões de gênero em sua vida, o que pode fazer parecer “natural” que muitas mulheres se aproximem desse campo.

Como efeito contrário a essa observação, talvez, por isso o campo dos estudos de gênero não seja povoado por homens que se aproximam mais do padrão heteronormativo, e seja, majoritariamente, ocupado por mulheres – independente do atravessamento da sexualidade – e por homens homossexuais, que, por estarem cotidianamente em enfrentamento com construções de gênero relacionadas a masculinidade, também se aproximam desse campo. Esse pensamento explícito, talvez, um dos motivos porque as mulheres acabam se tornando notórias nesse campo de estudos.

Falando sobre futebol em eventos públicos: entre incômodos e estranhamentos

Um segundo ponto abordado nas entrevistas foi sobre a circulação dessas mulheres no meio acadêmico – e também no meio midiático – falando sobre o assunto futebol. Sobre essas experiências, Sarah menciona episódios nos quais tratou de Copa do Mundo, de sua tese e sobre a rivalidade Cruzeiro x Atlético. Em nenhuma das ocasiões de apresentação pública Sarah foi solicitada a falar de questões relacionadas a gênero.

Já no caso de Leda, apesar de a maioria de suas pesquisas voltarem-se para temas que não envolvem as mulheres, ela conta que os convites para falas, sobretudo de veículos da mídia, são quase exclusivamente para abordar tal questão. Além disso, a pesquisadora afirma ser recorrente que se pergunte acerca da participação feminina também quando está tratando de outras pesquisas. Se, por um lado, a pesquisadora reconhece que o fato dela ser mulher influencia na realização de tais questionamentos, por outro, identifica uma “demanda por uma participação mais efetiva da mulher nos diversos níveis do futebol”, o que motiva o surgimento de interpelações relativas a elas.

É muito difícil tratar o futebol hoje, em qualquer nível que seja, sem tocar em determinados assuntos: racismo, homofobia e o papel que a mulher assume no futebol. Hoje é muito difícil falar, o que é um aspecto positivo. Significa que as pessoas estão sentindo um pouco falta de falar sobre isso. Significa que de algum modo há uma reivindicação para que se pense um pouco mais sobre o status da mulher no futebol então acaba sendo um assunto um pouco inevitável.

Se por um lado, Sarah comenta que nunca foi questionada acerca de questões relativas à mulheres e gênero em suas falas públicas, ela percebe outras reações nesses eventos relacionadas com o fato de ser mulher:

Se vale a minha percepção subjetiva, eu acho que há sim um estranhamento das pessoas quando você vai falar. Por exemplo, quando há uma chamada na faculdade que vai se falar de futebol e aparece o nome de uma mulher. Há um estranhamento, pelo menos pela minha percepção pessoal, porque não se é esperado. Não que eu tenha sido desrespeitada alguma vez, não isso. Mas você percebe um certo olhar diferente. [...] Mas nunca me questionaram diretamente.

Em entrevista à equipe do *site* Ludopédio, Simoni Guedes narra um episódio vivenciado por ela que está em sintonia com a percepção de Sarah sobre o olhar do público:

Uma vez eu fui convidada para dar uma palestra, num negócio, não me lembro mais direito o que era, mas sei que era em Curitiba. Aí eu estou na porta e tinha uma programação pendurada, eu parei para olhar, para ver para onde eu teria que ir. Aí chegou um caszinho jovem, um rapaz e uma moça, e disse “Ah, uma palestra de futebol com uma mulher?! O que será que ela entende disso?”. Isso foi muito engraçado, porque eles não sabiam que era eu. “Como é que uma mulher vai dar uma palestra sobre futebol, gente?” Entendeu? E não nos públicos mais acadêmicos, esse era um evento meio acadêmico, era uma coisa de design, era um amigo meu que eu tinha ido para uma banca, ele pediu para eu ir nesse evento. Então, uma coisa que eu reparo, por exemplo, não nos eventos acadêmicos, nos eventos acadêmicos nunca houve – pelo menos claramente – esse tipo de desafio, embora eu acho que as pessoas tenham pensado. Mas eventos, tipo assim, na Biblioteca Nacional, que pega um público variado, e de repente nego começa a discutir escalação de time com você. É uma coisa assim, e eu tenho que, como diz o outro, engrossar, entendeu? E dizer: “Olha, eu tô aqui discutindo Antropologia”, “Isso aqui não é mesa redonda, entendeu?”

O que eu faço é outra coisa. Você quer discutir futebol comigo? Vamos lá fora, num bar, depois a gente discute. Isso é outra história. Não tô discutindo futebol”. Então, isso é uma coisa que se repete. Algumas vezes. É, mas principalmente com esse tipo de público. Tem certos homens que começam a ficar incomodados, aí começam a fazer umas perguntas e colocar umas coisas completamente descabidas. Uma coisa, às vezes, um pouco agressiva. Mas isso já aconteceu algumas vezes. Mas eu, como já sei que isso acontece, às vezes eu já chego e já abro o verbo do início, entendeu? Digo, “Olha, a mesa redonda é outra hora e outro local. Aqui é uma discussão acadêmica, o que eu tenho para dizer é do ponto de vista da antropologia” (SIMONI GUEDES/EQUIPE LUDOPÉDIO, 2013).

Esse estranhamento em relação a uma mulher falar sobre futebol - visto como algo incomum, quando não impensável – é notado por ambas as entrevistadas como algo que tem intensidades diferentes conforme o ambiente e o público para o qual se fala. O estranhamento é reconhecido por Sarah como maior quando o assunto não é o futebol de mulheres e/ou gênero.

[...] E eu não falo de temáticas de mulher, de gênero. Seria mais comum assistir uma palestra na qual a mulher falaria de uma coisa voltada para uma discussão de gênero em relação a mulher. Mas eu trato de assuntos muito gerais em relação ao futebol. Já aconteceu, por exemplo, mas isso não no contexto acadêmico, de ficarem surpresos com as informações que eu tenho – históricas –, porque as pessoas nunca esperam isso. Mas isso mais em contextos do dia-a-dia. Talvez se fosse um homem com essas informações [...] acredito eu que não assustaria, ter um conhecimento mais aprofundado sobre isso.

Leda relata similar sensação de surpresa e estranhamento por parte de um público ouvinte com relação a sua posição de uma estudiosa, e, portanto, entendedora, do futebol. A pesquisadora afirma que, com frequência, escuta afirmações em tom de surpresa: “Nossa! Você é mulher e gosta de futebol?!”, “Nossa, você é mulher e entende de futebol?!”. Mesmo em seminários. Em algum momento vai se fazer esse tipo de comentário”. Ainda sobre a reação dos outros quanto ao seu conhecimento do futebol, Sarah acrescenta:

O fato de você ser mulher assusta as pessoas, como se esse conhecimento não fosse permitido para a gente. É como se você fosse um ser extraterrestre e aí essa questão aflora quando você vai trabalhar no meio acadêmico. As pessoas ficam te olhando um pouco desconfiadas. O olhar da desconfiança e do não pertencimento àquele lugar. Embora isso não seja muito explícito, em forma de preconceito ou de alguma outra violência. As pessoas não me agridem nem nada. Mas eu sinto muito isso.

Há ainda uma diferença mencionada pelas entrevistadas, em relação a essa questão do estranhamento, conforme o perfil do público assistente. Ambas notam que esse estranhamento tende a ser maior conforme a distância do público dos estudos sobre o futebol na área das ciências humanas e sociais. Os pares tendem a estranhar menos ou a demonstrar menos

estranhamento, enquanto o público não acadêmico tenderia a expressá-lo mais. Ambas também repararam que, apesar desse estranhamento, não chegaram a viver situações de agressão verbal mais contundentes em relação a isso em nenhum dos dois contextos. Sobre essa questão, Sarah disse:

Então, assim, acho que no meio acadêmico do futebol não tem tanto essa coisa. As pessoas sabem que as mulheres estudam e isso não é nenhuma barreira. Mas quando você vai para um outro lugar, aí gera um estranhamento. E aí é um pouco a questão que eu tentei abordar naquele texto¹⁶, dessa distância entre meio acadêmico e outros meios. Tanto entre o nosso núcleo que estuda¹⁷ ou em outros núcleos. Porque no nosso núcleo isso é uma coisa comum, mas você vai em outros espaços isso é uma coisa estranha ainda, a mulher tratando de temas como o futebol. Claro que no meio acadêmico, em um congresso e tal, as pessoas tem mais trato com isso. Mas quando são pessoas que estão ali, todas apresentando um trabalho. Agora, quando você vai, como eu disse, em uma palestra, em uma universidade, trabalhar com meninos de graduação, um outro público, isso causa estranhamento. Você percebe um olhar um pouco duvidoso daquilo que você está falando, num certo enfrentamento que é pacífico, mas ele existe. Como mulher eu sinto umas coisinhas assim nesse sentido.

Para além de ser “autorizada” ou não pelo público ao falar de futebol, Sarah percebe, ainda, que as questões de gênero são vistas como “coisas que mulheres têm que tratar e os homens não”:

Assuntos que as pessoas jogam para as mulheres como se as mulheres tivessem que tratar. Não que não seja importante tratar, mas acho que isso é colocado mais ou menos assim: é a mulher que tem que tratar de questões relacionadas a gênero. E não é isso.

É interessante perceber como esse pressuposto – de que cabe às mulheres pesquisar gênero – parece partir da noção de que o gênero é uma categoria de análise que serve exclusivamente às mulheres, o que não procede. Ainda que, de fato, esse conceito, em um sentido político, tenha sido elaborado dentro do movimento feminista, em função de uma demanda das mulheres, ele contempla a análise de feminilidades e masculinidades, rompendo com perspectivas biologizantes e singulares sobre o ser *mulher* e o ser *homem* (VEIGA; PEDRO, 2015).

Dificuldades em ser pesquisadora

Perguntamos às entrevistadas quais as dificuldades encontradas em ser pesquisadora no Brasil hoje.

Sobre essa questão, Sarah destaca a desvalorização do futebol como objeto de pesquisa acadêmica, além das dificuldades no que tange à pesquisa histórica, como a inexistência de acervos em clubes e de uma política de preservação documental.

Leda, por sua vez, aponta que, no Brasil, viver de pesquisa é algo praticamente inexistente, estando esse ofício inserido sobretudo entre as demandas dos professores universitários. Assim, apenas aqueles com tais vínculos institucionais são legitimados como pesquisadores, o que ela considera limitador, inclusive pelas burocracias e certas questões metodológicas a eles impostos.

Deveria haver modos autônomos para que qualquer pessoa pudesse pesquisar alguma coisa. [...] Tem muita gente que pode falar coisas interessantes sobre futebol, estudar e falar sem estar vinculado a uma instituição. Isso eu acho uma limitação muito grande para a pesquisa compreendida como uma produção de conhecimento.

Leda também destaca dificuldades enfrentadas ao ingressar em grupos de pesquisa compostos majoritariamente por homens.

Eu lembro que quando eu comecei a pesquisar, quando eu entrei no NEPESS, na UFF, era um mar de homens. Quando eu entrei no grupo de pesquisa também do Victor Andrade¹⁸, o Laboratório do esporte¹⁹, do IFCS, lá da UFRJ, era um mar de homens. E a sociabilidade masculina ela tem suas dimensões. Nem sempre é fácil de você interagir. Não foi fácil ser pesquisadora nesse sentido.

Em locais entendidos como próprios da homossociabilidade masculina²⁰, entre os quais destaca-se o bar, ocorre uma espécie de pedagogia da masculinidade viril, onde os homens sentem-se imbuídos a executar práticas de reafirmação dessa masculinidade, envolvendo falas e gestos rudes e obscenos (OLIVEIRA, 2008).

Ainda que seja forçoso afirmarmos que o contexto de um grupo de pesquisa tenha assumido contornos similares a de um bar apenas pelo fato de ser ocupado quase exclusivamente por homens, pela fala de Leda é possível supor que seus integrantes tenham

desenvolvido certo modo de relação que, em alguma medida, contemplam práticas masculinizantes comuns em nossa sociedade.

Sendo o futebol o tema de pesquisa de todos, conforme relato da entrevistada, espera-se ainda que ele seja assunto recorrente, inclusive em diálogos não acadêmicos, o que pode funcionar como combustível para tais relações. Isso porque a sociabilidade futebolística envolve, frequentemente, relações de jocosidade nas quais trocas de ofensas entre os envolvidos, entendidas como brincadeiras, são previstas e autorizadas, e entre os insultos mais recorrentes estão aqueles nos quais se desqualifica a masculinidade do outro, acusando-o de homossexual ou associando-o à atitudes e comportamentos ditos femininos (GASTALDO, 2005), o que pode ser entendido como um ambiente hostil às mulheres.

Apesar de apontar tais dificuldades em sua inserção, Leda deixa claro que nunca sofreu discriminação e que sempre foi muito bem tratada, reafirmando o apontamento anterior de que nos contextos acadêmicos, ainda que predominantemente masculinos, as entrevistadas não foram alvo de exclusão ou preconceito explícitos, segundo suas percepções. Ela caracteriza a dificuldade de sua inserção, assim, como um estranhamento seu.

A participação das mulheres nos estudos acadêmicos sobre futebol na atualidade

Leda, ao avaliar o contexto acadêmico atual, afirma haver um número muito maior de mulheres no seu grupo de pesquisa, nos eventos a que atende e no contexto do futebol de forma geral, ao que a pesquisadora demonstra satisfação:

A diversidade é sempre boa né? É muito ruim você entrar num lugar e só ter você [de mulher] lá ou só ter no máximo uma outra pessoa. É uma coisa meio solitária. É uma coisa meio angustiante. Você se sente... mesmo que de fato não aconteça nenhum tipo de impedimento, você se sente mal. Você se sente solitário. É estranho. É uma sensação estranha. Você pensa "Nossa, cadê as mulheres? Cadê a diferença?" Hoje em dia com relação a isso é bem mais confortável. Graças a Deus!

Essa fala enfatiza a importância da presença de mulheres para que as mesmas se sintam pertencentes e à vontade no espaço do futebol, na Academia ou fora dela.

Quanto a participação de mulheres nas pesquisas sobre futebol, é interessante notar as diferenças entre as visões das duas entrevistadas. Leda, partindo de um referencial comparativo do início de sua trajetória de estudos do futebol – há 12 anos atrás –, celebra o expressivo aumento no número de mulheres pesquisando futebol, enquanto Sarah, pautando-se na análise da atualidade e, de certo modo, comparando aos homens, identifica uma baixa representação de mulheres nesse universo.

[Luiza] Como você avalia a participação das mulheres nas pesquisas sobre futebol?

[Leda] Tem melhorado *muito*! Tô espantada e feliz com isso! Eu lembro que quando eu comecei a pesquisar, quando eu entrei no NEPESS, na UFF, era um mar de homens. [...] Mas hoje em dia eu acho que houve um crescimento qualitativo e quantitativo de pesquisadoras e de pesquisas sobre a mulher e o esporte, e a mulher e o futebol. Temos hoje a Katia Rubio, a Simoni Guedes, que é a minha ídola intelectual, que é uma precursora dos estudos sobre esporte, tem uma produção absolutamente fundamental para quem quer falar sobre futebol, mas ela não está mais isolada. Ela está cercada de outras pesquisadoras que falam sobre assuntos diversos que vão desde algo relacionado ao universo feminino e os esportes a outros assuntos. (Leda)

[Sarah] Estou tentando pensar nas mulheres que produzem ainda... eu acho que não são muitas, não sei se você concorda. Eu não consigo ter um panorama, eu não saberia dizer, no país, como está a produção das mulheres, essa participação. Agora, uma coisa eu posso dizer: posso contar nos dedos, ainda mais na história, eu acho que só tenho duas referências de trabalhos feitos por mulheres em toda a minha tese. A grande maioria são homens. Eu não sei o que isso pode nos dizer, eu só sei dizer dessa área da história. Mas, assim, eu já li muita coisa também, para poder fundamentar meu trabalho, e tirando a Simoni Guedes, tirando as pessoas do GEFuT, eu não consigo pensar em um nome muito forte. Tem a Leda, que a gente tem contato, mas eu não consigo pensar em um nome referência, tirando a Simoni Guedes. Por exemplo, hoje a gente tem um tanto de autores homens referência. Não vou citar, mas todo mundo que estuda futebol trabalha com uma série de homens referências. E uma mulher referência, tirando a Simoni Guedes? Eu posso estar sendo injusta, pode ser um problema meu de não lembrar, mas eu não consigo. Então isso pode ser algo a ser problematizado, que diz de alguma coisa, é uma coisa que até merece ser mais pensada.

Não há, no entanto, uma contradição expressa entre as falas das entrevistadas. Se é possível afirmar que é crescente o número de mulheres estudando futebol, podemos pensar que, se comparado à quantidade de homens dedicados a mesma temática, há, de certo modo, poucas mulheres ainda nessa área.

Sobre a relação entre mulheres, o futebol e a pesquisa

Durante esse texto, expomos alguns dados acerca da presença das mulheres no meio acadêmico e dialogamos com as experiências de duas mulheres acerca dos processos concernentes ao fazer pesquisa sobre futebol.

Mesmo sem o intuito de generalizar aquilo que nossas entrevistadas destacam em suas trajetórias, reconhecemos que uma experiência nunca é totalmente individual. Nesse sentido, no que tange às vivências relatadas marcadas pelo prisma do gênero, são situações, ainda que particulares, que emergem em um contexto social de desigualdades.

A partir de pesquisa bibliográfica, verificamos que ao longo dos anos há uma crescente inserção das mulheres no meio acadêmico, mas que a medida que observamos estratos mais avançados da formação de um pesquisador, assim como de postos na pesquisa (graduação – mestrado – doutorado e participação em grupos de pesquisa) o percentual de mulheres reduz. Além disso, expectativas acerca de lugares “mais apropriados” a homens e mulheres ainda se evidenciam nas escolhas de cursos, subáreas e temas de pesquisa.

Diante desse cenário, o futebol, entendido como prática tradicionalmente masculina, apresenta-se como uma temática cujo interesse se espera que surja entre homens. Às mulheres que optam por dedicar-se a tais estudos, paira a desconfiança e o estranhamento, fato apontado por nossas entrevistadas em algumas situações. A discussão das vivências das mulheres nesse esporte surge como uma alternativa às pesquisadoras, um tema cuja participação de mulheres é compreendida, aceita e, até mesmo, incentivada, numa compreensão de que o gênero seria um assunto e/ou categoria analítica de e para mulheres.

Tanto a Leda quanto a Sarah não possuem o tema gênero como algo central em seus estudos de maneira geral, porém, em algum momento da vida, ambas tiveram esses estudos em sua trajetória, seja por um interesse pessoal e/ou pelo incentivo externo.

Na fala de nossas entrevistadas, a dedicação, as oportunidades e interpelações para que pesquisadoras abordem questões relativas à mulheres e gênero relaciona-se com três elementos: uma demanda da sociedade por maior participação de mulheres no futebol e por mais reflexões sobre seu status nesse esporte; a construção de uma sensibilidade para esse tema por parte das pesquisadoras, que emerge a partir de suas experiências pessoais como torcedoras e jogadoras; e um incentivo daqueles que as cercam de que elas opinem e se posicionem sobre a experiência específica das mulheres.

A partir de diferentes mapeamentos entre pesquisadoras que se dedicam ao futebol, identificamos que, embora as mulheres que estudam gênero tenham mais visibilidade no Brasil, a maioria delas estão envolvidas com trabalhos que não envolvem a discussão sobre mulheres e gênero.

Diante disso, pensamos que, possivelmente, há uma diferença de proporção entre homens e mulheres que influenciou na construção de nossa hipótese inicial de que há mais mulheres na discussão sobre gênero. Explicando melhor, provavelmente o amplo número de homens discutindo o universo dos homens no futebol faz com que as mulheres pareçam poucas ou até inexistentes. Já na discussão da participação das mulheres, são poucos os homens interessados, fazendo com que as pesquisadoras apareçam mais. Esperamos ter deixado claro ao longo do texto que essa aparente menor visibilidade ou protagonismo não é baseada exclusivamente nessas diferenças quantitativas. Elas são antes sintomas, e não causas, das diferenças entre homens e mulheres no futebol, seja no campo ou no campus.

Não estamos dizendo que não se deve falar sobre futebol feminino e gênero, nem que isso não seja importante e nem que, em alguma medida, o protagonismo feminino na discussão de gênero não seja relevante. Apenas enfatizamos que em outras discussões também pode e deve haver mulheres, não se sendo aquele o único espaço que lhes é legitimado para pensar o futebol.

Nos tempos que vivemos, vale ressaltar que somos a favor que as pessoas escrevam sobre o que queiram escrever. Mas é importante não perder de vista que esse “querer escrever” pessoal também é determinado por uma série de atravessamentos políticos e sociais que nos constituem como humanos, dentre eles as questões de gênero expostas aqui. Embora consideremos importantes os espaços para as mulheres e para se falar de gênero de maneira mais abrangente, pensamos ser igualmente interessante quando mulheres surgem em contextos que não foram “separados” para elas ou constituídos como um “oásis” por elas próprias.

Referências

- ALABARCES, Pablo. *Heróes, machos y patriotas*. Buenos Aires: Aguilar, 2014.
- CENSO da educação superior 2013: resumo técnico*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2015.
- DANTAS, Marina de Mattos; ANJOS, Luiza Aguiar dos. Sobre o que pensam as mulheres? Notas sobre futebol, mulheres e pesquisa. *Ludopédio*, v.81, 2016. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/sobre-o-que-pensam-as-mulheres-notas-sobre-futebol-mulheres-e-pesquisa-2/>>. Acesso em jun. 2016.
- GASTALDO, Edison Luis. O Complô da Torcida: futebol e performance masculina em bares. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, p. 107-123, 2005.
- GUEDES, Simoni Lahud; EQUIPE LUDOPÉDIO. *Simoni Lahud Guedes*. 2013. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/entrevistas/simoni-lahud-guedes/>>. Acesso em: jun. 2016.
- LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, n.17, v.49, 2003.
- MELO, Hildete Pereira de; OLIVEIRA, André Barbosa. A produção científica brasileira no Feminino. *Cadernos Pagu*, 27, julho-dezembro de 2006, pp.301-331.

OLIVEIRA, Marcelo José. *Entre amigos: Antropologia da homosociabilidade masculina em camadas populares na periferia metropolitana da Grande Florianópolis*. 2008. 199f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo, n.52, p. 133-165, 2001.

VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. Gênero. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Ed. EFGD, 2015.

VELHO, Léa; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. *Cadernos Pagu*, 10, 1998, pp.309-344.

¹ Versão revista e ampliada do artigo: DOS ANJOS, Luiza Aguiar; DANTAS, Marina de Mattos. **Sobre o que pensam as mulheres?** Elaboraões iniciais sobre a relação entre mulheres, o futebol e a pesquisa. In: SILVA, Silvio Ricardo da (et. Al). II Simpósio Internacional, Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, 2016, Museu Brasileiro do Futebol/Mineirão, Anais, EEEFTO/UFGM: DOS ANJOS, Luiza Aguiar; DANTAS, Marina de Mattos. Sobre o que pensam as mulheres? Elaboraões iniciais sobre a relação entre mulheres, o futebol e a pesquisa. In: título do evento, numeração do evento, ano e local de realização, título do documento, (Anais, Atas, Tópicos temáticos) local, editora, data de publicação, página inicial e final da parte. Belo Horizonte, pp.81-96.

² Nesse ponto, concordamos com o que coloca Portelli sobre a história oral, entendendo que “informantes são historiadores, de certo modo; e o historiador é, algumas vezes, uma parte da fonte (PORTELLI, 1997, p.38).

³ Corresponde ao total de vínculos de aluno com ano de ingresso no curso superior igual ao ano de referência do Censo (2013).

⁴ Corresponde à soma de vínculos de aluno a um curso superior igual a “formado”.

⁵ Dados do CNPq, divulgados no site da Revista Galileu. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Multimidia/Infograficos/noticia/2015/06/analizamos-os-cursos-de-pos-graduacao-no-brasil2.html>>. Acesso em 2 de julho de 2016.

⁶ A função docente representa o vínculo com uma instituição de ensino.

⁷ Instituto de Física (IF), Instituto de Química (IQ), Instituto de Biologia (IB) e Instituto de Ciências Humanas e Sociais (IFCH).

⁸ A fala é exemplificada a partir de uma pesquisadora das Ciências Sociais que, em um projeto de pesquisa no qual era a única mulher, conta que foi responsável pelo subtema da cultura e ideologia, ficando com os colegas homens os subtemas considerados mais valorizados, como economia, política e o Estado.

⁹ Informações levantadas a partir da base do Diretório de Grupos do CNPq, no mês de maio de 2016, utilizando “futebol” como palavra-chave para a busca dos grupos. Selecionamos os grupos que continham a palavra-chave no nome e/ou nas linhas de pesquisa e/ou no resumo do grupo.

¹⁰ O GEDiMe possui duas líderes mulheres, sendo que apenas Olga Lúcia Castreghini de Freitas Firkowski atua com o tema futebol.

¹¹ Sessão de periodicidade semanal que publica textos relacionados à temática futebolística, independente das posições teóricas e ideológicas adotadas pelo autor.

¹² www.ludopedio.com.br

¹³ Não afirmamos com isso que essas pesquisadoras neguem a possibilidade da discussão de gênero ou considerem a temática sem relevância. Ao contrário, identificamos discussões sobre gênero nos trabalhos de muitas, mas o que estamos levando em consideração aqui é a centralidade desse tema na maioria dos estudos.

¹⁴ Na época na qual foi entrevistada a pesquisadora estava se dedicando mais ao tema das torcidas.

¹⁵ Segundo a pesquisadora, o circuito *mainstream* envolve os chamados “grandes clubes” do futebol nacional, aqueles que recebem boa parte da atenção da imprensa esportiva.

¹⁶ Sarah se refere a um texto recém-escrito e que na ocasião da conclusão do presente artigo ainda não havia sido publicado.

¹⁷ Sarah se refere ao GEFuT.

¹⁸ Victor Andrade de Melo.

¹⁹ Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer.

²⁰ Espaço onde homens “vivem momentos de iniciação ao mundo do homem adulto e “macho”: inicia-se no compartilhamento de segredos sobre vida sexual ativa, na ingestão de bebidas alcoólicas, em provas de coragem frente as provocações e rivalidades, entre outras modalidades” (OLIVEIRA, 2008, p.62).